

O CORDEL DE CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES) E AS PELEJAS CAMPONESAS NA ENCRUZA DESENVOLVIMENTISTA AMAZÔNICA¹

THE CORDEL OF CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES) AND THE PEASANT STRUGGLES IN THE AMAZONIAN DEVELOPMENTAL CROSSROADS

EL CORDEL DE CEARÁ DO PARÁ (FRANCISCO GOMES) Y LAS LUCHAS CAMPESINAS EN LA ENCRUCIJADA DEL DESARROLLO AMAZÓNICO

Rogerio Almeida

Graduado em Comunicação Social (UFMA), mestre em Planejamento do Desenvolvimento (UFPA) e doutor em Geografia (USP), docente do Curso de Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), campus Santarém.
rogerio.almeida@ufopa.edu.br

Recebido em: 01/04/2024

Aceito em: 01/09/2024

Publicado em: 30/11/2024

Bianca Emanuelle Bezerra da Silva Graduanda em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), membro da equipe do projeto de extensão Luta pela terra na Amazônia silvabiancaemanuelle@gmail.com

RESUMO:

O artigo analisa dois livretos de cordel produzidos por Francisco Gomes, conhecido como Ceará do Pará, onde ele reflete, a partir da perspectiva dos sujeitos colocados em condições de subordinação, ou seja, a contrapelo, as políticas de desenvolvimento impostas à Amazônia e os impactos que elas provocam junto às populações locais.

Yasmin de Souza Corrêa

Graduanda em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), membro da equipe do projeto de extensão Luta pela terra na Amazônia.
yasmincorreasouza00@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Popular; Amazônia; Desenvolvimento; R- existência.

Introdução

A trova medieval europeia dos séculos XI e XII é considerada como o ponto de partida da chamada literatura de cordel. Todavia, é com a Revolução Industrial e a criação da imprensa que o folheto produzido com papel ordinário e de preço acessível inicia a sua popularização. Nesta conjuntura promove a vulgarização de temas considerados monopólio de catedráticos, a exemplo do pensamento de Ariosto e de Tasso, e mesmo clássicos da literatura grega e latina, que ganham as praças e mercados a partir dos pregoeiros da época na Itália, na França e na Península Ibérica. Nasce ao mesmo tempo marcado pela oralidade e o registro escrito, pontuam Marques e Silva (2016) e Marques (2022).

Conforme os referidos autores, o livreto na Itália era conhecido como "libretti muriccioli", enquanto na França, idos dos séculos XVI e XVII, a denominação adotada era literatura de "colportage" e livrinhos da Biblioteca Azul. Na Espanha, a comunicação de verve popular era conhecida como "pliegos sueltos"; as folhas volantes ou soltas e ainda, literatura de cordel, predominaram em Portugal. Estas representam o arquétipo da

¹ Result of the extension project Fight for land in the Amazon, at the Federal University of Western Pará (Ufopa), which includes the representation of the Amazon in cordel literature from Ceará do Pará. (Francisco Gomes).

experiência nordestina nos anos finais do século XIX. Assis (2022), ao investigar a experiência portuguesa e a sua relação com o Brasil, recorda que a obra do dramaturgo e poeta português Gil Vicente, tem como suporte inicial tais folhetos.

Se nas paragens nacionais tínhamos como referência o Cego Aderaldo, pelas bandas de Portugal do século XVI, registra Assis (2022), o cego atendia pelo nome de Baltasar Dias. O autor escrevia tanto em prosa, quanto em verso, e contava com a anuência e simpatia do Rei D. João III. Além de Dias, outros cegos usavam do mesmo recurso de comunicação, que em terra lusa, também veio a ser conhecida como literatura dos cegos.

D'Olivo (2010, p. 5) ratifica o peso da oralidade na construção da poesia de cordel, segundo o autor:

A recitação, desse modo, é um fator fundamental no cordel. A estrutura com rimas e métricas bem marcadas configura uma rítmica que é importante no momento da declamação dos folhetos pelos poetas. Essa estrutura fixa marca a relação com o oral no cordel. Os folhetos, geralmente, são organizados em versos de sete sílabas métricas com estrofes de seis ou sete versos, com um esquema de rima estabilizado.

Para além da oralidade ibérica, Marques e Silva (2016) apontam para a influência africana na composição da literatura cordelista, onde sublinham, a partir dos escritos de Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, a importância das “negras velhas” e das “amas de leite” na tradição de contação de histórias. Aventuras e desventuras contadas e recontadas em andanças pelas fazendas da época.

Com relação à metrificação, a Academia Brasileira de Cordel, em seu *sítio*, sinaliza para a existência, entre outras possibilidades, do quadrão, sextilhas, setilhas, décimas e do martelo agalopado, onde deve existir na composição poética a inquietação com a rima e o com o rigor da divisão silábica. A tabela abaixo aponta os modelos e as suas respectivas características, onde temos:

Tabela 1 – Metrificação e características do verso de cordel

Métrica	Características
Parcela ou Verso de quatro sílabas	Palavras não podem ser longas. É o mais curto conhecido na literatura de cordel.
Verso de cinco sílabas	A parcela de cinco sílabas era cantada também em ritmo acelerado, exigindo do repentista, grande rapidez de raciocínio.
Estrofes de quatro versos de sete sílabas	Aqui as rimas acontecem no 2º e no 4º verso. Modalidade permite palavras maiores comparadas a “Parcela”.
Quadrão	Os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si.
Sextilhas	Estrofe de seis versos. Quarto e o sexto versos rimando entre si, deixando órfãos o primeiro, terceiro e quinto versos.
Setilhas	Estrofes de sete versos, de sete sílabas. Marcado pela riqueza ritmica.
Oito pés de quadrão ou Oitavas	Estrofes de oito versos compostos de sete sílabas. A diferença dessas estrofes de cunho popular para as de linha clássica está apenas a disposição das rimas. O 5º e o 8º verso são órfãos de rimas.
Décimas	Dez versos de sete sílabas. Forma esta que em questão de uso fica somente atrás das sextilhas.
Martelo Agalopado	Estrofe dez versos de dez sílabas, é uma das modalidades mais antigas na literatura de cordel.
Meia Quadra	Versos de quinze sílabas. As rimas são emparelhadas e os versos compostos.
Galope à Beira Mar	Versos de onze sílabas, portanto mais longos do que os de martelo agalopado.

Fonte: Santana, Aquino, & Morende (2018, p. 6).

O cordel em solo pâtrio possui um caráter contestador e de inconformismo diante das injustiças sociais e dos desmandos dos poderosos, o que o diferencia dos seus avós europeus. A poesia tende a revisitar a história oficial do Brasil e da humanidade, a partir da perspectiva das classes colocadas em condições de subalternização, assim reflete Marques (2022). Passa a história a contrapelo. O referido autor avalia que, esses poetas, porta-vozes do povo, ao dar visibilidade aos sujeitos subalternizados e oprimidos da nossa história, sinalizam a comunicação cordelista como processo de decolonialidade.

Para além dos autores populares, reconhecidos escritores como Ariano Suassuna, Ferreira Gullar, Bráulio Tavares, Jarid Arraes, Juraci Siqueira, em Belém/PA, o poeta, jornalista e dramaturgo de São Luís, Maranhão, César Teixeira, lançam mão do recurso como ferramenta de comunicação do campo popular em alinhamento com as agendas dos sujeitos historicamente marginalizados, ou como recurso de ironia e pilharia contra as representações de poder. Para além da luta de classes, tem sido usado como um recurso pedagógico em diversas áreas, a exemplo da saúde e do meio ambiente, como o fez o médico e ambientalista paraense Camilo Viana, como realça (Salles, 1985).

Fenômenos naturais, a exemplo das secas, como a ocorrida em 1877, assim como as políticas públicas de integração e de ocupação da Amazônia são elementos que colaboram para o entendimento sobre o deslocamento de nordestinos para a Amazônia, adverte Vicente Salles (1985) que, ao analisar o repente e a literatura de cordel na região amazônica, ilumina sobre a hegemonia da região bragantina, a nordeste do estado, sob a influência do Atlântico, e o papel de vanguarda da editora Guajarina na edição dos livretos.

Nestas toadas de deslocamentos de nordestinos para a economia gomífera, no recorte temporal dos anos vindouros do século XIX e começo da República, o trabalho extenuante na vida dos seringais será o tema privilegiado de trovadores e cordelistas.

Salles (1985, pp. 117-118) no processo de reconstrução da trajetória dos nordestinos e de suas manifestações culturais, informa que os folhetos daquele momento histórico tinham como pauta a dura existência do nordestino nos seringais, em geral propriedade de outros nordestinos, ou de empresas que se vinculavam, por dependência, ao capitalismo externo. O autor referencia que os notáveis cordelistas dos primeiros anos da República recuperam a presença na Amazônia, em particular, no estado do Pará, do Cego Aderaldo e de Patativa do Assaré, ainda no fulgor dos seus 20 anos de idade.

Neste sentido, as narrativas dos livretos ganham uma nuance de verve sociológica, em que é possível identificar os sujeitos que ocupam as arenas de poder, e de onde emergem temas como as disputas pela terra e pelas riquezas da região, marcadas pela superexploração do trabalho, ou o trabalho análogo à escravidão. E, ainda, a integração subordinada da região aos circuitos da economia global, na condição de exportador de matéria prima.

Nesta direção, o historiador realça o folheto "O Rigor no Amazonas", de Firmino Teixeira do Amaral, de 30 sextilhas. Aqui destacaremos alguns versos onde podemos constatar a decadência do surto econômico da economia gomífera, a superexploração do trabalho, as condições insalubres de trabalho, a escravidão por dívida nos barracões (aviamento) e a violência extrema, com a eliminação dos seringueiros pelos seringalistas.

Lá bebigota de fel,
Daquele bem amargoso,
Dei graças a Deus sahir,

Me julgo bem venturoso;
Hoje sei que o Amazonas
É um sonho vil, enganoso!

Até mesmo os patrões
Que se aviam na praça
Hoje perderam o credito
Estão roendo a desgraça;
Fregueses lhes dão banana
Quando algum por ele passa

Sobre a “esperteza” dos patrões, as estrofes refletem que:

Os patrões dizem assim
Quando querem iludir,
Mostram vantagem ao freguez
Para elle subir;
Para ir é muito facil
O diabo é para vir

As estrofes a seguir tratam do desencantamento do seringueiro diante do ambiente hostil:

Vão chorar arrependidos
A hora do nascimento,
Maldizem a cruel sorte
Pelo atroz sofrimento
E esperam na barraca
A morte em cada momento

A lacta do Amazonas
Para quem tem saldo ou não
Não há quem seja feliz
Tendo um patrão ladrão
Que com uma bala de rifle
Paga o saldo do christão

Ainda conforme a mesma fonte, sobre os que sobreviveram aos infortúnios do seringal, os versos registram:

Quem de lá volta com vida
E quatro contos na mala,
Escapou do beribéri
Das embocada, da bala,
Pode crer que todo dia
Com Deus e os anjos fala.

Lá luctei e tive sorte
Em sahir de tal cadeia,
Porque lá vi se matar
Gente no rigor da peia!
Fui tão feliz quanto Jonas
No ventre duma baleia.

Salles (1985, p. 122) realça que, após a crise de 1910, alguns feudos prosperaram com o extrativismo da borracha, sementes oleaginosas, madeiras, lavouras e criatórios. O Baixo Amazonas paraense abrigava boa parte destas propriedades, constituindo-se feudos dos chamados coronéis de barranco. Para estes territórios, a cada seca no Nordeste, outra leva de migrantes sucedia, em particular dos estados do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Paraíba.

Salles (1985, p. 123) sublinha que, a partir do ano de 1920, as situações de tensão recrudescem entre migrantes e coronéis de barranco, a exemplo da Revolta do Jari², antagonizada entre o grileiro, político e latifundiário José Júlio de Andrade e seringueiros capitaneados por Cesário Medeiros.

Estrofe de cordel assinado por Sebastião Recifense sobre a brutalidade do latifundiário, crava:

O senador José Julio
tinha no seu seringal
muita gente escravizada
morrendo, passando mal
e o fim quasi sempre
era na certa fatal.

A centralidade do Estado é fundamental para a colonização induzida na década de 1940, quando da II Guerra Mundial, momento em que os nordestinos foram recrutados pelo SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores), na condição de “soldados da borracha”, em alinhamento aos aliados. Uma vez mais é a configuração da geopolítica que impõe à Amazônia a sua condição colonial. Condição ratificada em todas as experiências de políticas públicas impostas a partir da demanda externa, mesmo nos dias atuais, independente da coloração ideológica do governo.

O território amazônico e as riquezas nele existentes mobilizam inúmeras redes, em diferentes escalas (local, regional, estadual, nacional e mundial). Sublinhe-se a rede de ilegalidades, onde possuem relevância grileiros de terras, madeireiros, garimpeiros, narcotraficantes, pistoleiros, traficantes de pessoas e da biodiversidade. Rede marcada pela simbiose entre agentes privados e públicos. É a Amazônia um espaço da ilegalidade por excelência, por conta da extensa fronteira e fragilidade institucional?³

Nesta conjuntura, no campo da construção de sentidos sobre a região, tem sido privilegiado um enquadramento que a considera como estoque de riqueza, Eldorado ou

² Região de fronteira entre os estados do Pará e Amapá, o Baixo Amazonas.

³ Almeida, Santos e Sousa. Amazônia(s) em rede (s): Rádios da Amazônia protagonizam comunicação alternativa apartir da Rádio Rural de Santarém, (2018, p. 905).

inferno verde; enquanto os seus habitantes, desde relatos inaugurais dos primeiros colonizadores, são enquadrados como representações do atraso, desprovidos de conhecimento e sem a capacidade de gerir as próprias vidas.

Sob tal horizonte, o colonizador impôs aos nativos a catequese, a escravidão, a invisibilidade e o extermínio. Outro recurso recai sobre o discurso de vazio demográfico, que permanece como elemento constituinte e orientador das políticas desenvolvimentistas.

O território vazio de suas gentes justifica a posse, a desconsiderar as civilizações complexas que convivem com a floresta desde pelo menos 11 mil anos antes de cristo, como atestam os registros da Caverna da Pedra Pintada, na cidade de Monte Alegre, no Baixo Amazonas paraense.

Ocorre que essas gentes formam barricadas em várias frentes, dentre elas, a comunicação, onde produzem empates, romarias, puxiruns, rádios comunitárias, jornais, cartazes, fotos, filmes, peças de teatro, místicas, sites, ocupam as redes sociais, forjam livros e cordéis. Há sabença no caminhar, muitas das vezes, desconsiderada ou ignorada pelas academias, com os olhos e alma voltadas para outro Norte, a considerar outras gramáticas, epistemologias e cosmologias.

Os cordéis de Ceará do Pará, o senhor Francisco

O processo migratório de nordestinos para a Amazônia não se restringiu ao surto econômico da borracha. À cada política pública desenvolvimentista, um novo deslocamento sucedia/sucede, onde a grande inflexão é creditada ao período da ditadura civil-militar (1964-1985), a partir das grandes obras de infraestrutura de integração física da região, e a busca em arrefecer movimentos sociais pela reforma agrária de outras regiões do país, a exemplo das Ligas Camponesas, que colocavam à prova as oligarquias do Nortes Além das políticas públicas, a ideia de enriquecimento fácil em garimpos, como registrado no garimpo de Serra Pelada nos anos de 1980, processo mobilizado pela construção simbólica da região como um Eldorado, são elementos que conformam um momento da economia induzido pelo Estado, que privilegiou grandes empresas nacionais e internacionais, na expansão da fronteira agromineral, como analisa Hebétte (2004).

Francisco Valter Pinheiro Gomes, natural de terra de cantadores, Quixadá, no Ceará é filho, neto e bisneto de agricultores, é um destes migrantes. Possui 12 irmãos. Muita gente para terra pouca e árida. Foi casado duas vezes. A propaganda do governo de "terra sem homens para homens sem-terra" o motivou, no fim dos anos de 1980, a migrar para o Pará. Naquele momento, o governo ditatorial impunha o Programa Grande

Carajás (PGC). Uma nova fase de territorialização do grande capital na região, e, por consequência, expropriação das populações locais; reedição de formas de acumulação primitiva do capital, como explica Marx. Um processo eivado por toda ordem de violência.

Ceará do Pará, como é popularmente conhecido, sentou praça lá pelas bandas de Santa Maria das Barreiras, sul do estado. Uma região imortalizada pela violência da luta pela terra. Antes, porém, passou uns dias em Fortaleza, onde trabalhou na cantina da Universidade Estadual do Ceará (UEC), onde teve contato com militantes políticos de centros acadêmicos e de diretórios estudantis.

Já pelas barrancas do estado do Pará, foi na ocupação da fazenda Agropecus que Ceará somou fileiras e ocupa papel de liderança. Nesta condição, foi ameaçado de morte. Colaborou na organização de associação, fez parte da direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município e da Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Pará (Fetagri) Sul. Em 2023, iniciou a graduação em Educação do Campo, na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), com sede em Marabá.

Em entrevista, Ceará explica que, para escapar de ameaças de morte, chegou a dormir no mato várias vezes, contudo, quando o clima ficou insustentável, teve de sair da região. Ele explica que, no caso da ocupação em que fez parte, a principal ameaça vinha de madeireiros. Atualmente, o cordelista dirige o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA). A peleja no momento reside em permanecer na terra e incrementar a produção.

O autor fala com orgulho do cordel. Advoga que está no sangue de cearense, onde defende a máxima: "se a gente não escrever a nossa História, quem vai escrever". Então, assim, em 2001, nasce o primeiro livreto, o que descreve a experiência da ação direta e de massa dos grandes acampamentos de camponeses realizados em frente à sede do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) de Marabá, cidade polo do sudeste paraense.

As ações chegaram a durar meses e aglutinavam perto de 20 mil pessoas, em uma estratégia de rotatividade entre acampamento, ocupações e assentamentos. Em seguida elaborou outro que versa sobre os impactos da mineração em Carajás protagonizados pela Vale (2011); e por último, um que reflete sobre a destruição da Amazônia (2018), onde indica o papel autoritário do Estado, o aceno ao grande capital nacional e mundial, e as institucionalidades criadas pelo governo.

Aqui sublinharemos sobre os grandes acampamentos e a mineração. O primeiro trata do enfrentamento com o Estado, na figura do INCRA, e o segundo com o grande

capital, encarnado na figura da mineradora Vale, uma das maiores mineradoras do mundo, que opera em Carajás desde os anos de 1980.

O cordel dos grandes acampamentos

A década de 1990 é marcada por vários aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais singulares. Ressalta-se o ocaso da experiência do socialismo soviético, por consequência, o triunfo do capital como processo civilizatório em escala planetária, que indicava na agenda mundial aos países do capitalismo periférico uma pauta neoliberal, onde a ordem residia em privatizar e no controle fiscal, em um ambiente marcado pelo incremento das tecnologias da informação e de comunicação, que irá conferir ao capital um novo status, a financeirização.

Neste contexto marcado pelos ditames das agências multilaterais, em particular o Banco Mundial, a reforma agrária é alçada à pauta de questão de mercado. O país ainda respirava o odor do regime ditatorial civil-militar. Na Amazônia, dois massacres de camponeses, Corumbiara em Rondônia (1995) e Eldorado de Carajás, no Pará (1996) evidenciam a permanência da violência como elemento estruturante do avanço do capital sobre a região, Almeida (2012).

No sudeste do Pará, sindicatos de camponeses e o MST, além de outras organizações agitavam a luta pela terra. Ações que contavam com o apoio de ONGs, partidos políticos, instituições de assessoria, a exemplo da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos (SDDH), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Centro de Educação, Pesquisa e Assessoria Síndical e Popular (Cepasp), a Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) e a Fundação Agroecológica do Tocantins Araguaia (FATA), que criaram o FERA (Fórum de Entidades pela Reforma Agrária).

A convergência destes sujeitos e o autoritarismo do INCRA serviram de cimento para a realização dos grandes acampamentos de camponeses. Até 1996, os recursos do INCRA voltavam por ausência de demanda. Após as ações, o recurso passou a não atender os pleitos dos movimentos sociais, Almeida (2012).

Sobre os sujeitos que integraram a organização do acampamento, Ceará, assim versa:

Toda a representação
Veio por merecer
Tava as associação
A FETAGRI e a CPT

Lembrando bem desta data
Para eu não esquecer

O Sindicato também tava,
Junto com o MST

Até àquele momento histórico, o orçamento no INCRA consistia em reunião de prefeitos da região com a direção da instituição. Os trabalhadores rurais eram excluídos, apesar de serem os principais interessados e os cidadãos de direito das políticas públicas sob a responsabilidade do instituto. Sobre os sujeitos das primeiras negociações, Ceará recorda, entre pilhória contra autoridades, e simpatia pelos seus:

Estava José Lima
Deputado estadual
Fazendo pra todo mundo
Um discurso teatral,
E o Darwin Boerner Júnior
Com uma cara de pau.

Estava do nosso lado
O Batista da CPT
O Nonatinho da FETAGRI
Que é PT pra valer,
E também o Parazinho
Que é do MST.

O acampamento era possível por conta de uma engenhosa organização realizada a partir de núcleos de base de ocupações e de projetos de assentamentos, que desembocava na efetivação de comissões setoriais por município, onde se tem grupos mobilizados sob os temas da saúde, da infraestrutura, da educação, da segurança, da comunicação, da animação e da negociação, entre outras.

O pátio do INCRA era dividido pelos 39 núcleos de representações dos municípios que conformam as regiões do sul e sudeste. Um boletim (Contraponto) diário era produzido e circulava a partir de e-mails de pessoas de referência que podiam ajudar na pressão política das representações e na replicação em outros meios de comunicação da capital do estado e fora dele.

Algumas edições do boletim chegaram a servir de base de discursos no Congresso Nacional em apoio das demandas dos camponeses do Araguaia-Tocantins. Anos iniciais da *internet*. Havia uma rádio “boca de ferro” no acampamento e músicos. A rádio consistia em uma mesa de som rústica e alto-falantes colocados em locais estratégicos. Como relata Ceará:

Toda noite era uma festa
Sem ter o que comemorar
Mas pra esquecer a mazela
Que estava a nos esperar
Então com o som do Manelito

Começamos logo a dançar
Na nossa luta diária
Passando raiva e malária
Naquele sol de escaldar

A postura da coordenação do INCRA era de descontentamento com a ação dos camponeses e a visibilidade em todo o estado do acampamento de sem-terra na frente da instituição, e, mesmo em grandes jornais do país. Após inúmeras situações de tensão, a direção do instituto abandonou as negociações. Assim, Ceará narra a conjuntura, e avalia a postura do governo:

Foi feita outra assembléia
Com as associações,
E nossos sindicatos
Para tomar uma decisão
De sair pra cidade
Mostrar a situação.

Saímos em passeata,
Do Incra para Marabá.
Cerca de dez mil pessoas,
Ali podia contar.
Todos falando em voz alta:
O grito “ACORDA PARÁ!”

Contornamos Marabá
Mostrando insatisfação;
Dos nossos trabalhadores
Com aquela intransição
Parece que esse governo
Só governa pra ladrão.

Desde os anos da década de 1960 os governos privilegiaram políticas desenvolvimentistas pautadas em polos. Um arremedo copiado tanto de experiências estadunidenses dos anos de 1930, como europeia, do pós-guerra. Nesta direção a ditadura civil-militar impôs além de uma integração física orientada a partir de rodovia, os polos madeireiro, de pecuária extensiva, energia e mineração, como os principais da agenda.

No estado do Pará, o extrativismo mineral representa o maior peso na economia. Pode-se dizer que a atividade representa quase a totalidade do Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Nos meios de comunicação convencionais do Pará, os passivos sociais e ambientais resultante da atividade são silenciados. É justo sobre o presente ambiente que as rimas cordelistas de Ceará incidem, a hipertrofia do poder da Vale.

O cordel da Mineração

Monteiro (2005) ao revisar o processo mineral na Amazônia, alerta para a exploração das reservas de minério de manganês na Serra do Navio, no território federal do Amapá, como o marco do início da dinâmica industrial de valorização dos recursos minerais da Amazônia oriental brasileira. A prospecção da mina ocorreu num contexto marcado pela instauração de um novo regime político e por uma reorientação das relações protegidas entre o Estado e a economia. A extração durou duas décadas, deixando, literalmente, somente o buraco.

Como realçado antes, o estado autoritário, a partir de uma conjuntura geopolítica e sob a doutrina de segurança nacional, estabeleceu políticas de polo de desenvolvimento, onde a extração de minérios era uma das prioridades. Amapá, Trombetas e Carajás constavam nos planos de exploração, o que sedimentou o minério como o principal item da balança comercial do estado do Pará, em particular, por conta das minas de minérios (ferro, níquel, ouro, cobre), em Carajás.

Nesta região, a mineradora Vale possui hegemonia na conformação do território. É, praticamente, um estado dentro do estado do Pará. É ela, por conta da exploração do subsolo, que conecta o local aos circuitos globais de *commodities*, a expropriar as populações locais, onde constam indígenas, camponeses e quilombolas, desde as minas do sertão do Pará, por meio de ferrovia, ao litoral do Maranhão, em São Luís, que sedia os portos.

Não há dúvida do papel hegemônico na definição das territorialidades que tem a CVRD (Vale) no sudeste paraense. Os estudos de Coelho (1997) alertam para o protagonismo da Companhia, seja no controle de uma vasta área através de definição de reservas ambientais, seja no processo de controle ou cooptação de trabalhadores rurais, como no caso do Assentamento Gelado. A autora indica que entre as modalidades de comando do território da CVRD na região, ocorrem áreas fechadas, florestas nacionais, áreas de proteção ambiental e reservas indígenas, onde a desigualdade marca o processo entre os centros de interesse da CVRD e do seu entorno.

É esta situação de hipertrofia de poder que o cordel de Ceará tenta interpretar a partir de suas vivências e sabença. Aqui, elencaremos algumas estrofes do livreto.

O império da Vale avançou para a floresta,
Escavando e pesquisando
Aquilo que ainda resta,
De riqueza em nossas áreas,
Veja se esta história presta!

Sobre a expropriação que a mineradora promove em Carajás, assim filosofa Ceará:

Expulsaram com força bruta,
Os pobres e os camponês,
Comprando por mincharia a terra por sua vez,
Dizendo-o, o subsolo não pertence a vocês.

O povo sem entender toda aquela falação,
Dos doutores de gravata que veio da mineração,
Ameaçando os agricultores de toda essa região
Viemos para a cidade,

Compramos uma barraquinha,
Lá na ponta da rua que nem luz e água tinha,
Nem quintal para criar os porcos e as galinhas.

Vendi os meus animais por não ter onde criar,
Os meninos na escola sem ter como estudar,
E eu sem terra também para poder trabalhar.

Fiquei na periferia,
Vagando o destino meu,
As coisas valorizaram,
Só quem não valeu foi eu,
Mais a Vale e a Onça Puma cada vez mais se ergueu.

Apesar do poder da Vale, há resistência às expropriações que ela promove na região. Todavia, a força da empresa e do capital promove, no interior dos coletivos, cooptações e fragmentações, a exemplo do que ocorreu em uma comunidade conhecida como Racha Placa ou Mozartinópolis, onde, perto de 100 famílias foram expulsas por conta do maior projeto do portfólio da mineradora, o S11D, localizado em Canaã dos Carajás, que, ao contrário dos escritos bíblicos, não jorra mel ou leite. O projeto explora ferro. Ferro de melhor teor do mundo. E a ferro e fogo a Vale trata as populações nas terras de Carajás.

As terras dos meus vizinhos,
Foram mais valorizadas,

Principalmente aqueles que resistiram a empreitada,
Dizendo num saio daqui,
Aqui é minha morada.

Mas os agentes da vale,
Vinharam todos de uma vez,
Com o dinheiro e dizendo,
Aproveita a tua vez,
Por que dinheiro é o que não falta para pagar vocês.

Dizia o compadre Chico,
Com muito amor e altivez,
Eu nunca vou vender minha terra pra vocês,
Mas a oferta aumentava e cada vez mais eu pensava naquela oferta outra vez.
Ele dizia consigo: quando aqueles cobra vier, Vou pedir um preço alto,
Quem sabe heim ô muié,

Se eles num desiste e larga do meu pé?

No outro dia os agentes,
Voltaram com a decisão,
Diga quanto quer na terra,
Que te pagarei então.

Aí eu disse: é dez vez,
O que pagaste pro João.

O agente disse, tá feito,
Vou te pagar nesta hora,
Quientos mil tou te dando,
Agora a terra é minha,
Ponha-se daqui pra fora.

Eu fui na cidade as pressas em busca de um caminhão,
Com meio milhão no bolso,
Com toda animação,
E comprei um barraquinho perto do comadre João.

Aí no dia seguinte,
Fui ver a destruição,
Quando chegaram as máquinas da tal da mineração.
Foram derrubando e escavando o chão.

Derrubaram o meu barraco e a casa do fugão,
Destruíram o galinheiro e o paiol do feijão,
Onde guardávamos os mantimento da nossa alimentação.
Derrubaram o curral onde eu criava umas vaquinhas,
Derrubaram o forno onde eu torrava a farinha,
O engenho de moer cana e o piquete das galinhas.

Aí entrou no pomar causando o maior rebuo,
Destruíram os meus cacaus,
Castanheiras e cupús,
Manga, cedro e a moreira e o pomar de cajus.

A iniciativa de comunicação do campo popular dos cordéis do Ceará do Pará faz parte de uma longeva barricada neste campo na região de Carajás, onde constam inúmeros panfletos, jornais e boletins, produzidos mesmo durante os anos da ditadura, a exemplo do Jornal Grito da PA 150.

O jornal ainda produzido em mimeógrafo era uma iniciativa do movimento sindical dos trabalhadores rurais e segmentos da Igreja Católica, que tinha como principal bandeira de luta à época a tomada dos sindicatos das mãos dos “pelegos”.

Tem-se ainda, o Jornal do Cepasp, as rádios comunitárias da década de 1990, bem como a produção de místicas, teatro, canções e audiovisuais, mais recentemente. E, mesmo um festival de cinema que privilegia os sujeitos colocados em condição de subalternização na região, o CineFront, já em sua 8ª edição, realizado pela Unifesspa e os movimentos sociais.

Algumas considerações

Os cordéis produzidos pelo intelectual orgânico Francisco Gomes, o Ceará do Pará, assim como os produzidos durante o surto da economia gomífera, possibilitam uma leitura sociológica sobre as relações de poder que as experiências desenvolvimentistas têm introjetado no sertão amazônico.

Um cipoal de projetos marcados pela acumulação primitiva, que socializam junto ao conjunto da sociedade local toda ordem de passivos: social, ambiental e humano. Em um contexto contraditoriamente marcado pela riqueza, a degradação e o saque. Ao longo de mais de 50 anos da integração física da região, realizada a partir das rodovias Transamazônica (BR-230) e a Cuiabá-Santarém (BR-163), entre outras, e, mais de 30 anos da exploração das minas em Carajás, a região tem se notabilizado pela liderança regional em desmatamento, em trabalho escravo e violência no campo. Crimes marcados pelo manto da impunidade.

É justo sobre estes cenários de tramas/dramas que versam os cordéis do Ceará, que a partir do recurso da comunicação popular, alcança os seus pares, e já começa a sensibilizar alguns educadores de universidades dentro e fora do estado.

A produção foi viabilizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) de Marabá, cidade polo do sudeste do estado. A tiragem do primeiro livreto foi de mil exemplares, e a sua distribuição ocorria no próprio acampamento, onde era lido de forma coletiva, como recurso de formação, e ao mesmo tempo, de pilharia contra os poderosos daquele contexto.

Os cordéis produzidos pelo Ceará do Pará, assim como as experiências pretéritas em comunicação do conjunto do movimento social envolvido na luta pela terra, tem buscado afrontar o *status quo* da sociedade vigente, e uma fração de classe assentada no controle de vastas extensões de terras, bem como de esferas públicas estratégicas à sua reprodução econômica, política e social.

A comunicação dos cordéis, assim como as demais experiências aqui citadas, enquadra-se como contra-hegemônica, como realça Gianotti (2004) ao revisar as contribuições do pensador Gramsci sobre o debate da categoria hegemonia. Ao refinar as reflexões de Lenin, o pensador italiano realça para a necessidade em conjugar convencimento (persuasão) e força na busca de uma outra sociedade para além das lutas de classe.

Neste sentido, o conjunto dos movimentos envolvidos na luta pela terra na Amazônia, ao mesmo tempo em que irrompem sobre as cercas do latifúndio, também têm eivado esforços em lavrar uma comunicação do campo popular ou contra-hegemônica, e em passar a História a contrapelo.

Sobre a questão Marques (2022) indica que cumpre à experiência o papel de passar a história a contrapelo, de insubmissão contra a conjuntura política desfavorável, bem como, o caráter contestador e de inconformismo diante das injustiças sociais e dos desmandos dos poderosos. E, como se invoca em ações campesinas na região do Araguaia-Tocantins: "quem morre calado é sapo debaixo de pé de boi".

Referências

- Almeida, R. (2012). *Territorialização do campesinato no sudeste do Pará*. NAEA/UFPA.
- Assis, I. G. (2022). *História da literatura de cordel: de Portugal para o Brasil (1851-1921)* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa].
- Coelho, M. C. (1997). A CVRD e o processo de (re)estruturação e mudança na área de Carajás (Pará). In M. C. Coelho & R. Cota (Orgs.), *10 anos da Estrada de Ferro Carajás* (pp. 51-78). UFPA/NAEA.
- D'Olivo, F. M. (2010). *O social no cordel: uma análise discursiva* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas]. Unicamp.
<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/782494>
- Giannotti, V. (2004). *Muralhas da linguagem* (1ª ed.). Mauad.
- Lowy, M. (2010/2011). "A contrapelo". A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940). *Lutas Sociais*, (25/26), 20-28.
- Marques, F. C. A., & Silva, E. G. (2016). A literatura de cordel nos currículos escolares: História e resistência. *Leia Escola*, 16(2), 83-95.
- Marx, K. (2018). *O capital: Livro I*. Boitempo.
- Monteiro, M. A. (2005). *Mineração industrial na Amazônia e suas implicações para o desenvolvimento regional*. Novos Cadernos NAEA, 8(1), 141-187.
- Pinheiro, F. V. (2001). *Acampamento de 2001: A história construída e contada pelo trabalhador rural*. Comissão Pastoral da Terra (CPT).
- Pinheiro, F. V. (2011). *Impactos da mineração. Literatura de Cordel*. Comissão Pastoral da Terra (CPT).
- Pinheiro, F. V. (2018). *Destruição da Amazônia. Literatura de Cordel*. Comissão Pastoral da Terra (CPT).
- Pinheiro, F. V. (2023). Entrevista remota. Março.
- Salles, V. (1985). *Repente e cordel, literatura popular em versos na Amazônia*. FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore.
- Santana, M. V., Aquino, I., & Morende, V. (2018). *Cordel: Métrica e compasso na narrativa de causos brasileiros*. In *XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste*, Juazeiro, BA. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Universidade do Vale do Rio dos Sinos. (2023). *O Brasil na linha do cordel: decolonialidade na reescrita da história dos silenciados*. Entrevista especial com Francisco Cláudio Alves Marques. <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/618631-o-brasil-na-linha-do-cordel-decolonialidade-na-reescrita-da-historia-dos-silenciados-entrevista-especial-com-francisco-claudio-alves-marques>

ABSTRACT:

The article analyzes two cordel booklets produced by Francisco Gomes, known as Ceará do Pará, where he reflects from the perspective of subjects placed in conditions of subordination, that is, against the grain, the development policies imposed on the Amazon and the impacts that they provoke among local populations.

KEYWORDS: Popular Communication; Amazon; Development; R-existence.

RESUMEN:

El artículo analiza dos folletos de cordel producidos por Francisco Gomes, conocido como Ceará do Pará, donde reflexiona desde la perspectiva de sujetos colocados en condiciones de subordinación, es decir, a contracorriente, las políticas de desarrollo impuestas a la Amazonía y los impactos que provocar entre las poblaciones locales.

PALABRAS CLAVE: Comunicación Popular; Amazonas; Desarrollo; R-existencia.